



EIXO 6: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, ETNOEDUCACIONAL, INTERCULTURAL, AMBIENTAL E DE MIGRANTES

PROJETO PEDAGÓGICO: FEIRA DE INVENÇÕES AFRO-INDÍGENAS – PERCURSO FORMATIVO

Joice Gonçalves Ferreira Santos

Secretaria Municipal de Educação de Salvador - SMED

E-mail: joicegfs@yahoo.com.br

Márcia Maria Castro do Lago

Secretaria Municipal de Educação de Salvador - SMED

E-mail: mmcastrolago@gmail.com

Valcineide Santos de Almeida

Secretaria Municipal de Educação de Salvador - SMED

E-mail: valcineidealmeida@educacaosalvador.net

Resumo

Este resumo visa relatar o processo de formação em serviço entre pares e o trabalho docente desenvolvido durante a construção e execução do projeto pedagógico “Feira de Invenções Afro-Indígenas”, da Escola Municipal Antonio Martins Damasceno, pertencente à Rede Municipal de Ensino de Salvador, situada no bairro de Castelo Branco, com oferta dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. O percurso formativo se constituiu num processo pedagógico profundamente significativo e enriquecedor, a temática versou sobre a inquietação da equipe pedagógica em desenvolver projetos e atividades pedagógicas que se relacionassem com a temática do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena conforme as Leis 10639/03 e 11645/08, em contraponto às ações que anualmente ocorriam de formas pontuais e em datas específicas, geralmente nos meses de abril e novembro em torno das datas comemorativas em relação ao Dia dos Povos Originários e da Consciência Negra. Desse



modo, a problemática do processo formativo se deu pela inquietação do grupo pedagógico escolar no decorrer do acompanhamento dos desafios enfrentados por professores e professoras no trabalho docente, tendo como questão central: Como o trabalho dos/as professores/as no que diz respeito à implementação de uma educação antirracista, étnico-racial de forma inclusiva contribui para o protagonismo dos/as estudantes e formação de identidade e pertencimento étnico-racial? Traçamos como objetivo geral para responder a esta pergunta: Analisar como a atuação docente na implementação de práticas pedagógicas antirracistas e inclusivas, voltadas à educação para as relações étnico-raciais, contribui para o fortalecimento do protagonismo estudantil, da identidade e do sentimento de pertencimento étnico-racial no ambiente escolar. E com o desenvolvimento do projeto durante as aulas, definimos como meta que os/as estudantes pudessem reconhecer as contribuições afro-indígenas na cultura brasileira por meio da pesquisa, produção e vivência cultural, fortalecendo o respeito à diversidade e aos saberes ancestrais. Acreditamos que mediante à inserção dos saberes africanos, indígenas e ancestrais no currículo escolar em contraste com as atividades folclorizadas sobre a temática étnico-racial, o processo educativo se constitui enquanto legítimo e transformador. Além de possibilitar aos estudantes construir novas referências de si, suas identidades, a partir de referências pretas e indígenas. (Pinheiro, 2021) A proposta do projeto Feira de Invenções Afro-Indígenas se fundamentou na Educação para as Relações Étnico-raciais, prevista pelas Leis 10.639/03 e 11.645/08 e nos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que defende o desenvolvimento de uma educação comprometida com a pluralidade cultural, respeito à diversidade e valorização das matrizes africanas e indígenas enquanto saberes constituintes da identidade brasileira. Coadunamos com Bárbara Carine Pinheiro (2023) quando defende que a educação antirracista precisa acontecer de forma cotidiana, intencional e articulada à vivência das crianças e dos sujeitos que fazem a escola, e que estes devem ser estimulados a serem sujeitos de produção de conhecimento. Nesse sentido, o projeto contou com metodologias dialógicas de abordagem participativa, ativa e freiriana buscando a participação e conscientização de todos os agentes envolvidos. Partiu de estudos, trocas entre pares, vivências concretas e significativas, com base em saberes ancestrais que envolveram a culinária, a tecnologia e a oralidade como formas legítimas de produção de conhecimento. Além disso, a proposta defendeu uma



pedagogia inclusiva centrada na ancestralidade, no protagonismo infantil e no reconhecimento dos saberes negros e indígenas como essenciais à formação humana. Enfatizando que as crianças não apenas aprendessem conteúdos, também que elas vivessem histórias e experiências construindo sentidos e pertencimentos. Na culminância do projeto, foram apresentados as pesquisas e trabalhos desenvolvidos pelas turmas e eixos temáticos: Turmas de 1º ano A e B - Culinária Africana: Produziram pratos como acarajé, mungunzá, caruru e feijoada, com foco na origem dos ingredientes e suas histórias. As turmas de 2º ano A e B - Culinária Indígena: Estudaram e prepararam alimentos como beiju, mingau de tapioca, uso de raízes e sementes tradicionais, além das técnicas de preparo e cozimento dos alimentos. Turmas de 4º ano A e B - Tecnologia Indígena: Confeccionaram armadilhas, utensílios de caça/pesca e jogos tradicionais como peteca e zarabatana. E as turmas de 3º ano A e 5º ano A - Tecnologia Africana: Estudaram e representaram saberes como trançado de palha, técnicas de construção, instrumentos musicais, astronomia e medicina africana. Como resultados observados, destacou-se a ampla participação da comunidade escolar, os estudantes se sentiram protagonistas ao preparar receitas, confeccionar objetos, dramatizar saberes e apresentar suas produções à comunidade escolar, a presença das famílias na culminância fortaleceu os laços afetivos e culturais, tornando a escola um espaço vivo de partilha, pertencimento e valorização da construção dos saberes dos estudantes. As principais conclusões que podemos chegar com este projeto pedagógico e percurso formativo é que a proposta mobilizou os docentes e os/as estudantes, foi um exercício formativo de escuta, mediação e planejamento colaborativo, que demandou sensibilidade e intencionalidade no trabalho dos/as professores/as com a temática étnico-racial, possibilitando uma abordagem interdisciplinar, inclusiva, contextualizada e significativa, a prática docente foi resignificada, conforme afirma Freire (1995) que ensinar também é um ato político e acrescentamos de resistência. As ações enriqueceram o currículo escolar, transformaram a prática docente e a forma como crianças passaram a enxergar sua história, sua identidade e seu lugar no mundo.

Palavras-chave: Formação Docente. Relações Étnico-raciais. Trabalho Interdisciplinar.



Referências

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 2003**: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF, 2003.

_____. **Lei n.º 11.645, de 2008**: Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF, 2008.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1995.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História preta das coisas: 50 invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. São Paulo: Livraria da Física, 2021